

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER E SEU CONSTANTE CRESCIMENTO AO LONGO DOS ANOS

Karine Costa DUARTE¹

1. Centro Universitário São Lucas

Esse trabalho tem por objetivo expor dados e salientar sobre a história dos tipos de violência que as mulheres ainda sofrem nos dias atuais e ter por objetivo exibir o quanto a cultura de violência contra mulher estar enraizada na sociedade a ponto de ser considerado “normal”. Quando falamos sobre violência contra a mulher, muitas pensamos logo em pessoas distantes e desconhecidas. Mas se paramos para pensar pelo menos uma pessoa em nossa vida pode já ter sofrido violência. A violência contra a mulher existe em diversas formas e atinge diferentes classes sociais, credos e grupos econômicos. Deve se levar em consideração que a violência contra a mulher não é só física. A Lei Maria da Penha classifica os tipos de abuso contra a mulher nas seguintes categorias: violência patrimonial, violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica. De acordo com a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência do governo federal recebeu 38.681 denúncias de janeiro a junho de 2018. Nesta perspectiva este trabalho tem como norteador obter e expor dados numéricos sobre a violência praticada contra mulheres e como isso vem aumentando ao longo dos últimos anos e quais os meios legais os quais essas mulheres podem se resguardar. Serão utilizados métodos práticos capazes de juntar informações e dados para estudo através de leituras realizando também análises de dados, com métodos práticos utilizados os dados numéricos que serão obtidos através da plataforma atlas da violência, OMV, SIAM, OMS e Senado Federal apontando as estatísticas para entendimento do número de mulheres agredidas diariamente e por ano em todo Brasil. Agressões físicas, estupro, tortura, violência psicológica, violência financeira, perseguição, feminicídio por parceiros, ex parceiros e até familiares. Sob diversas formas e intensidades, a violência contra as mulheres é recorrente e presente em muitos países. No Brasil, não é difícil achar pelo menos uma mulher que já tenha sido vítima de um tipo de violência em qualquer época da sua vida e em qualquer idade, em média pelo menos duas a cada três mulheres já passaram ou irão passar por isso. Diariamente mulheres, jovens e meninas são submetidas a alguma forma de violência, no Brasil e no mundo. Mas o que exatamente esses números indicam? Provam que ocorre diariamente uma violência sistêmica contra as mulheres, que todos os dias elas são vítimas de uma extrema manifestação de diversas desigualdades que foi historicamente construída. Durante a ditadura a violência contra as mulheres, foi institucionalizada, iniciando e enraizando ainda mais construção dos lugares desiguais de homens e mulheres na sociedade, a legislação do Brasil Colônia dava aos maridos o direito de assassinar as mulheres. Apenas a partir de agosto de 2006, dados estatísticos e informações sobre violência contra a mulher se tornaram recomendação específica, inserida na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06, LMP). Mas ainda com acesso a informações e dados, a cada dia no Brasil, diariamente as mulheres travam uma luta quase que silenciosa e solitária por direitos e igualdade e o por principalmente, direito a vida. Segundo dados obtidos no site do senado federal no ano de 2015 foram registrados 4,616 casos de homicídio contra mulheres em todo Brasil, no ano de 2017 foi registrado um aumento desse número para 4,936, o maior número nos últimos 10 anos, um total de 13 mulheres mortas por dia. E não é apenas violência física que vem crescendo a cada dia, violência sexual, estupros e assédios tem dito uma enorme crescente nos dias atuais. No ano de 2016, de acordo com SINAN no estado de São Paulo foram



registrados um total de 4,088 estupro, o maior índice do Brasil de crimes sexuais. Apesar da gravidade do problema, a falta de compreensão sobre as desigualdades e as relações de poder que são construídas junto aos papéis associados ao gênero masculino e feminino leva à negação de direitos e a falta de tolerância gera uma onda crescente e quase que imparável de violência contra, principalmente, as mulheres. Falar de violência é falar de relações entre pessoas que são inseridas em normas de gênero específicas. É importante frisar também que as desigualdades socialmente estabelecidas para os comportamentos “femininos” e “masculinos” são articuladas com outros marcadores sociais na produção de desigualdades e violências. Como por exemplo, desde criança uma menina crescer escutando que deveria sempre obedecer ao marido. E, por isso, é fundamental desnaturalizar papéis para construir uma cultura de respeito aos direitos humanos e especialmente das mulheres em sua diversidade. Por isso desde cedo e preciso reconhecer as diferentes formas de violência, dimensionar este grave problema social e, assim, avançar em concepções e práticas que revertam o quadro discriminatório que autoriza e perpetua agressões reiteradas contra mulheres e meninas.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Mulheres. Dados.